

Reflexões sobre manifestações do silêncio e processos subjetivos em rodas de Biblioterapia

Ricardo Luiz de Souza
ricardo.souza@ifsertao-pe.edu.br

Lucas Veras de Andrade
lukkandrade18@hotmail.com

Katty Anne de Souza Nunes
kattynune@gmail.com

Érika Vanessa Soares Freire
erika.freire@ifsertao-pe.edu.br

Arysa Cabral Barros
arysa.cb@gmail.com

Recebido em: 27/04/2026

Aceito em: 17/06/2026

Resumo

Propõe uma análise sobre a manifestação e a importância do silêncio nas práticas de biblioterapia, um aspecto que frequentemente causa inquietude entre as pessoas mediadoras. Apresenta as rodas de biblioterapia como espaços de escuta sensível e diálogo, onde a literatura atua como mediadora para a expressão socioemocional. Problematisa o silêncio não como uma ausência ou desinteresse, mas sim como uma resposta legítima e essencial no percurso terapêutico-literário, um intervalo onde a pessoa pode, finalmente, escutar-se. Tem por objetivo compreender as formas de coexistência e manifestações do silêncio nas rodas de biblioterapia, analisando o papel de quem medeia esse processo. A pesquisa, de natureza qualitativa, exploratória e interpretativa, utiliza a (auto)etnografia performática como estratégia metodológica, baseada em experiências teórico-práticas de rodas de Biblioterapia. Aprofunda, no referencial teórico, a ideia de que o silêncio é linguagem e gesto de escuta e busca nas contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa a compreensão dos diferentes tipos de silêncio como forma de comunicação e condição para o encontro autêntico. Conclui-se que o silêncio, quando acolhido sem julgamentos, converte-se em espaço de introspecção, fortalecendo o vínculo e a ressignificação das experiências pelas pessoas participantes.

Palavras-chave: biblioterapia; silêncio; subjetividade; leitura.

Considerations on silence manifestations and subjective processes in bibliotherapy round tables

Abstract

It proposes an analysis of the manifestation and importance of silence in bibliotherapy practices, an aspect that often causes concern among mediators. It presents bibliotherapy circles as spaces for sensitive listening and dialogue, where literature acts as a mediator for socio-emotional

expression. It problematizes silence not as an absence or disinterest, but rather as a legitimate and essential response in the therapeutic-literary path, an interval where the person can finally listen to himself. It aims to understand the forms of coexistence and manifestations of silence in bibliotherapy circles, analyzing the role of those who mediate this process. The research, of a qualitative, exploratory and interpretative nature, uses performative (auto)ethnography as a methodological strategy, based on theoretical-practical experiences of Bibliotherapy circles. It deepens, in the theoretical framework, the idea that silence is a language and gesture of listening and seeks in the contributions of the Person-Centered Approach the understanding of the different types of silence as a form of communication and a condition for authentic encounter. It is concluded that silence, when accepted without judgment, becomes a space for introspection, strengthening the bond and the resignification of the experiences by the participants.

Keywords: bibliotherapy; silence; subjectivity; further reading.

1 INTRODUÇÃO

O silêncio é mais revelador do que todas as palavras do mundo. A partir dessa premissa de Buda, este texto propõe problematizar o silêncio nas rodas de biblioterapia, refletindo sobre como acolhê-lo e conduzi-lo nas práticas. Trata-se de um aspecto que, para muitos de nós, pessoas mediadoras de biblioterapia, ainda representa algo inquietante e, por que não dizer, paralisante, tanto por seu caráter imprevisível quanto por seu potencial revelador.

As rodas de biblioterapia configuram-se como espaços de escuta sensível, dialógico e de expressão emocional mediados pelo encontro com a literatura. Nesse contexto, o silêncio, frequentemente interpretado como ausência de resposta, desinteresse ou retraimento, tende a ser subestimado ou até evitado. No entanto, é justamente no interior dessas práticas que o silêncio revela sua potência: longe de ser uma lacuna, ele pode ser compreendido como um tempo fecundo de elaboração subjetiva.

Em vez de representar uma "não-resposta", o silêncio se apresenta como uma resposta outra (sutil, porém intensa) que permite a emergência de processos de introspecção, resignificação e acolhimento interno. Assim, propõe-se reconhecer o silêncio como manifestação legítima e essencial no percurso terapêutico-literário, um intervalo fértil onde o sujeito pode, finalmente, escutar-se. Como bem nos lembra a citação: "Ver o silêncio como vazio, como omissão, é deixar na linguagem, na palavra a possibilidade de ruído" (Bajour, 2023, p. 106).

Diante disso, este estudo busca compreender por que e como o silêncio acontece, e como ele deve ser reconhecido e valorizado como uma das respostas possíveis durante as rodas de biblioterapia. A proposta é também entender o papel do silêncio em diferentes momentos: durante a leitura, na pausa reflexiva após a leitura, nas partilhas dos participantes e nas reverberações posteriores aos encontros.

Destaca-se que, com frequência, as discussões sobre biblioterapia concentram-se nos efeitos terapêuticos das palavras, no poder transformador da narrativa e na função da literatura como espelho das experiências humanas. Contudo, pouco se tem debatido sobre o papel do silêncio que permeia essas práticas. Atentos a essa lacuna, este estudo centra sua atenção em compreender o silêncio nas rodas de biblioterapia, formulando as seguintes **questões-problema**: Como o silêncio pode ser compreendido no processo de escuta e nos processos subjetivos dos participantes e de que maneira os pessoas mediadoras de biblioterapia lidam com esse fenômeno?

Ao se inclinar sobre essa dimensão pouco explorada na biblioterapia, espera-se proporcionar novas perspectivas ou outras manifestações de linguagens, que não apenas considerem o valor das palavras, mas também reconheçam o poder transformador do silêncio.

Para isso, estabelecemos como **objetivo geral**, compreender as formas de coexistência e manifestações do silêncio em rodas de biblioterapia, analisando o papel da pessoa mediadora nesse processo subjetivo.

A pesquisa se justifica, quando se pensa que o conhecimento acadêmico se desenvolve, prioritariamente, por meio de processos coletivos, baseados na troca de ideias e na construção colaborativa entre pesquisadores(as). Os grupos de pesquisa assumem papel central nesse contexto, ao promoverem espaços de diálogo e investigação conjunta. O Grupo de Pesquisa em Mediação da Informação e Formação Protagonista (GEMINFO), vinculado à Universidade Estadual do Piauí (UESPI), destaca-se por reunir pessoas pesquisadoras de diversas regiões do Brasil em torno de temas como leitura, literatura e cuidado do ser, com ênfase na biblioterapia. As práticas investigativas desse grupo buscam revelar o silêncio como um elemento recorrente nas rodas de leitura mediadas, apontando sua relevância como pausa reflexiva, expressão subjetiva e dimensão significativa da experiência literária.

Além disso, este estudo se apresenta como uma resposta à ausência de debate teórico sobre o tema, propondo uma reflexão acerca do papel do silêncio na biblioterapia. Certamente, trata-se de um esforço modesto diante do desafio de tornar dizível o tamanho do barulho que o silêncio pode representar no espaço das práticas biblioterapêuticas, já que ele é uma experiência que escapa às funções tradicionais da linguagem.

2 SILENCIAR PARA ACOLHER: A FUNÇÃO TERAPÊUTICA DO SILÊNCIO NA BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia pode ser compreendida como uma prática de leitura dialógica, numa propositura compartilhada (Sousa, 2021; Caldin, 2010; 2024). Nisso, constitui-se como ato de interação e produção de significados em deslocamentos coletivos, atravessando interagentes, o texto e o contexto desses interagentes. Assim sendo, as linguagens, e aqui, com enfoque no texto literário, não são apenas consumidas numa postura passiva: elas são mediadas, partilhadas e sentidas, em atravessamentos das subjetividades que se constituem nos encontros. Nesse movimento, mais do que palavras ditas, as pausas, os gestos, os olhares e, sobretudo, os silêncios também se fazem presença.

O silêncio, frequentemente relegado ao lugar da ausência, emerge aqui como forma de escuta, de presença e de elaboração interior. Arrisca-se dizer que, em rodas de biblioterapia, o silêncio exerce uma função tão importante quanto a palavra. Ele, na sua pausa, se revela como espaço onde as afetações se descortinam, onde imagens evocadas pelo enredo lido ressoam no corpo e na memória das/dos interagentes. Silenciar é, nesse contexto, permitir-se afetar pelas histórias, suspender a lógica da resposta imediata e abrir-se ao imprevisível da experiência literária.

Nas práticas de biblioterapia, o silêncio não é ausência, tampouco intervalo neutro entre enunciados. Ele comparece como linguagem: é gesto de escuta, corpo que acolhe, emergência de sentidos. Cria ritmos próprios daquele que lê, criando espaço para o surgimento de uma voz ainda em gestação. Essa ideia se alinha ao pensamento de Orlandi (2007), que afirma que a interpretação é antecedida por um silêncio necessário à formação de sentidos possíveis. O trabalho do sentido se inicia não como decifração de um código, mas como escavação de ecos ainda sem forma, mas já perceptíveis.

O que se problematiza é a noção de que toda experiência precisa ser verbalizada para ser validada, ou seja, de que a experiência só adquire valor quando traduzida em palavras. O calar, como aponta Bajour (2023), tem uma infinidade de possibilidades. Muitas vezes, comunica o que a palavra ainda não pode nomear, alcançando, pois, “onde as palavras se encerram, os silêncios se oferecem à escuta” (Bajour, 2023, p. 80). Em uma roda de biblioterapia, por exemplo, o silêncio pode ser gesto, pode ser presença, pode ser um modo próprio de dizer sem dizer. É o silêncio que acolhe o corpo no seu tempo, no seu modo singular de sentir e de estar com o texto e com os demais.

Pensar o silêncio como lugar de diálogo não é paradoxal, mas uma abertura ética. Silenciar é um gesto político de resistência à pressa, de valorização da escuta e de afirmação da diferença. É nesse silêncio que a biblioterapia mostra-se potente: não como resposta, mas como espaço de invenção de outros modos de estar junto, de ler e de viver. Nessa perspectiva, temos a biblioterapia como uma prática de leitura dialógica que se intercambia por meio das diversas linguagens, atravessando a produção de subjetividades dos interagentes. Nesse sentido, os processos que se desenrolam no universo dessa prática são múltiplos e muitas questões se apresentam como potenciais campos de reflexão. Talvez uma das mais instigantes seja a constituição e o papel do silêncio.

2.1 MANIFESTAÇÕES DO SILÊNCIO NAS RODAS DE BIBLIOTERAPIA

Nas rodas de biblioterapia, o silêncio emerge como presença significativa, carregada de sentidos. Longe de ser ausência ou vazio, ele se apresenta como uma pausa fértil onde se escutam os ecos mais profundos das palavras lidas e das experiências vividas. Tal explicação pode ser fundamentada pela afirmativa: É preciso se perder para começar a escutar. É preciso fazer silêncio na escuta e no olhar para descobrir as formas de silêncio (Pardo Salgado, 2001).

O silêncio configura um campo relacional no qual escuta, presença e disponibilidade se tornam condições para que o texto encontre o leitor em sua própria temporalidade. Esses elementos, fundamentais em processos terapêuticos, também estruturam a tessitura da biblioterapia do desenvolvimento, onde o silêncio opera como força que organiza afetos, abre passagem para sentidos e sustenta o gesto de acolher.

Reconhecer o silêncio como acontecimento significativo na relação terapêutica permite, por aproximação, compreender sua densidade e relevância nas práticas biblioterapêuticas. Nas quais calar-se não interrompe o encontro, mas o amplia, favorecendo a circulação de experiências, a emergência de compreensões e a criação de vínculos.

No livro *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação* (2023), Cecilia Bajour observa que, durante práticas de leitura, é comum ouvir orientações como “fiquem quietos enquanto leio”, muitas vezes acompanhadas de gestos com os dedos nos lábios, sinalizando o silêncio. Nessa lógica, tanto o texto literário quanto o ato de leitura são colocados em um lugar quase sagrado e intocável, onde qualquer interrupção é vista como uma ameaça a uma suposta aura inviolável que os cerca.

Mikhail Bakhtin, filósofo russo da linguagem e da literatura, amplia essa visão ao afirmar que o silêncio não existe em si mesmo, mas sempre em relação a outro silêncio. O silêncio é, portanto, relacional: um silêncio atual não pertence a um único silêncio singular, mas a dois silêncios que se encontraram e entraram em contato (Bakhtin, 2000 *apud* Bajour, 2023). E isso se dá principalmente através do diálogo, da interação social e da coletividade.

A literatura favorece esse entrelaçamento. Ela se comunica tanto na palavra quanto na pausa, tanto na voz quanto no calar. As pausas da pessoa mediadora, as hesitações dos interagentes, os olhares trocados entre os(as) participantes, todos são expressões legítimas de um processo que é, acima de tudo, humano. Como lembra David Le Breton (2015), cada palavra é precedida por uma voz silenciosa, por um sonho acordado cheio de imagens e pensamentos difusos que não param de trabalhar em nós. Portanto, o silêncio é parte do texto, é linguagem, é ritmo e é escuta.

Ver o silêncio como vazio ou omissão é reduzir a linguagem apenas ao ruído, ao falado. No entanto, os silêncios são como artérias que pulsam no fluxo das conversas, abrindo espaço para que novas formas de escuta e de vínculo se estabeleçam. É preciso, como sugere Le Breton (2015), “desaprender o não dito”, tornar-se permeável aos silêncios dos outros e se interessar verdadeiramente pelas pessoas, como quem lê um bom livro ou assiste a um filme que transforma. Assim, reconhecer o silêncio como elemento estruturante da biblioterapia é também reconhecer a potência do humano que escuta, que sente e que, mesmo sem dizer, comunica.

Na biblioterapia, os silêncios não são todos iguais. Alguns são tímidos, outros são cheios de emoção contida, há ainda os que indicam resistência ou medo, e aqueles que representam a necessidade de tempo para ressignificar uma leitura, para deixar que as palavras reverberem.

Pode-se arriscar a dizer que o silêncio desempenha funções importantes em uma roda de biblioterapia. Ele permite que os participantes processem as ideias (memórias, imagens, sons, palavras) evocadas pelas histórias, ao mesmo tempo em que abre espaço para um contato mais profundo com o mundo interior do interagente. O silêncio também pode refletir um estado de atenção, revelando o envolvimento sensível com o conteúdo dito, narrado e/ou dramatizado. Conforme argumenta Jean-Luc Nancy (2007), o silêncio é também linguagem, carregado de significados, densidades e potencialidades expressivas.

2.1.2 Contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) sobre as manifestações do silêncio

Embora as reflexões aqui partam do campo da Psicologia, especialmente das discussões que situam o silêncio no território da psicoterapia, sob a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), interessa-nos aproximar essas formulações do universo da biblioterapia. O propósito não é transpor modelos clínicos para práticas mediadas pela literatura, mas compreender como certas noções elaboradas na ACP ajudam a aprofundar a leitura das experiências silenciosas que emergem nas práticas de biblioterapia.

A partir da abordagem aqui enfocada, compreende o silêncio não como ausência, mas como forma ativa de relação. Sendo assim, por vezes, é possível conceber o silêncio como algo desagradável, como ausência de relação. No entanto, para a Psicologia, na relação cliente-psicoterapeuta, o silêncio pode ser entendido como um tipo de relação significativa, estreita a condição empática, mas que ultrapassa seus limites ao proporcionar à pessoa uma abertura à sua própria experiência. Esse silêncio, entendido como pausa no discurso e nas verbalizações, será construtivo quando compartilhado na presença calorosa do outro, condição essencial para as múltiplas relações terapêuticas (Schutz; Itaqui, 2016). Do mesmo modo, na biblioterapia, o silêncio pode abrir espaço para que o/a leitor/a entre em contato com suas próprias imagens internas, afetos e memórias, antes mesmo de partilhá-los em voz alta.

Tendo em vista o lugar do silêncio no entre relações, Carl Rogers (1983 *apud* Schutz; Itaqui, 2016), psicólogo e criador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), afirmou que há um modo positivo de conceitualizar a pessoa humana, acreditando que dentro de si há múltiplos dispositivos para formar a sua autocompreensão e alterar o seu autoconceito, suas atitudes básicas e seu comportamento autodirigido, e estes recursos só poderão ser “liberados” a partir do encontro legítimo e incondicional como oferta de atitudes (psicológicas) facilitadoras (Schutz; Itaqui, 2016). Esse reconhecimento de que o sujeito precisa de um ambiente seguro para acessar seus próprios recursos internos nos ajuda a ler, de forma ampliada, o que acontece nas rodas de biblioterapia, onde o silêncio também funciona como atmosfera facilitadora para a emergência de sentidos.

Nesse contexto, o silêncio é compreendido como uma forma de comunicação, e não como ausência dela, sendo uma condição essencial para se existirem as relações abertas ao encontro de um com o outro e que se cumpre por meio de presença e reciprocidade. Então, se comunicar não diz respeito apenas a conteúdos de cunho cognitivo e intelectual, mas se refere a algo mais “vivencial”, algo que abrange a pessoa inteira, tanto as reações emocionais e os sentimentos como os pensamentos e as palavras no encontro dialógico e genuíno com o outro e seus recursos.

Um diálogo para ser genuíno suscita respostas que instauram singularidades, subjetividades únicas e o silêncio tem um sentido e, portanto, deve ser compreendido como já sendo uma resposta. Essa forma de diálogo é capaz de dar respostas e não se restringe apenas às expressões em palavras (Schutz; Itaqui, 2016). Essa concepção ecoa fortemente na

Biblioterapia, na qual o silêncio também é parte do próprio gesto interpretativo, constituindo-se como intervalo fértil entre texto e leitor.

Schutz e Itaqui (2016) apontam que uma expressão para se referir a uma forma específica de permanecer em relação com outro não diz apenas sobre o discurso que deve ser sustentado, mas na tentativa de lidar com os momentos que são determinantes na elaboração das respostas reflexivas, inclusive respostas essas que podem se traduzir por manifestações de silêncio. E quando esse fenômeno ocorre a atitude psicológica esperada é responder empaticamente não apenas ao conteúdo do que é falado, mas à significação, à experiência sentida, à vivência presente, seja a partir do silêncio quase absoluto, seja a partir de outras formas de expressão (Schutz; Itaqui, 2016). Na Biblioterapia, esse cuidado em acompanhar o silêncio do outro também é essencial. O(A) mediador(a) lê não apenas palavras ditas, mas respirações, olhares e gestos que indicam processos internos em curso.

De acordo com a ACP, existem três tipos de silêncio que podem ser analisados de formas específicas. O **silêncio parado**, quando não há uma fala e tampouco movimento (sem expressão verbal), mas se pode observar a aparência e postura, aceitando-o incondicionalmente e sem julgamentos ou interpretações. O **silêncio movimentado**, neste há diversas expressões como chorar, rir, torcer as mãos, respirar de maneira profunda sem dizer uma palavra, dando assim inúmeros sinais, cada um com um significado e uma mensagem diferente (expressões corporais). Aqui faz-se necessário observar e seguir as “instruções” que a pessoa passa através dos seus movimentos e expressões (Feldmann; Miranda, 2002 *apud* Schutz; Itaqui, 2016). Ambos os tipos são também perceptíveis em rodas de Biblioterapia, nas quais os(as) leitores(as) expressam corporalmente os efeitos do texto, mesmo antes de verbalizá-los.

O terceiro tipo de silêncio, ligado à **relação consigo mesmo, com o outro e entre outros**, são analisados por Feldmann e Miranda (2002 *apud* Schutz; Itaqui, 2016) de forma mais específica, pois se tratam de um silêncio mais subjetivo. Na relação consigo mesmo não há intenção de usar o silêncio para transmitir qualquer mensagem, pois pode apenas expressar um receio do primeiro contato. A pessoa que acessa o espaço (psicoterapêutico) pela primeira vez não sabe o que esperar desse contato e não sabe se deve falar primeiro ou se deve esperar que falem, ou se apenas deve responder às perguntas lançadas. Com medo de errar, a primeira atitude pode ser se calar e esperar que o outro lhe diga o que fazer (Schutz; Itaqui, 2016).

Outro tipo de silêncio observado quanto à relação consigo mesmo é quando a pessoa está totalmente voltada para si, sem interesse de interagir com qualquer pessoa à sua volta, se comportando como se estivesse sozinho. Uma outra maneira pode se manifestar quando a pessoa apresenta um quadro mais complexo, como está deprimido. Por vezes, no pico de uma crise depressiva o nível de energia da pessoa está tão baixo que não tem força alguma para fazer qualquer coisa, nem mesmo se expressar verbalmente (Schutz; Itaqui, 2016).

Para além desses, há também expressões do silêncio quando a pessoa está confusa na sua experiência, desordenada em seus pensamentos e podendo, com isso, não saber por onde começar a falar. Assim, no momento em que possa está organizando os seus pensamentos, por hora, não deseja expressar suas elaborações, preferindo ordenar as ideias antes de comunicá-las (Schutz; Itaqui, 2016).

O silêncio também pode se manifestar quando se sente algo com muita intensidade, está experimentando sentimentos muito complexos e sem repertório emocional e nem sempre encontra palavras para expressá-los. Momentos esses oportunos e valiosos para que haja uma aproximação de si mesmo, um contato mais profundo com sua própria experiência. Outro tipo de silêncio pode ocorrer quando a pessoa está ligada à sua relação consigo mesmo, quando acha que já entregou o que pretendia ou quando falou demais, depois disso prefere manter-se calada.

Quando o silêncio está ligado à relação com o outro, observa-se quatro tipos de manifestações. O **medo**, que é um sentimento flutuante, principalmente quando o vínculo ainda não foi estabelecido de forma plena ou não há clima de inteira confiança para falar, pois teme

ser julgado pelo outro, possui receio sobre a devolução que pode receber ou até mesmo da falta de certeza quanto a manter seu discurso somente naquele espaço relacional. Quando o medo é maior que o desejo de se expressar, o silêncio se faz presente ou quando há dúvida quanto a confiar no outro ele se manifesta como teste. A **vergonha** pode ser uma manifestação do silêncio, principalmente quando a pessoa, imersa em dúvidas, opta por não relatar suas experiências. A **raiva**, a **mágoa** e **descontentamento** também podem estar presentes na relação com o outro, e o silêncio surge como punição para algo que está contrariando expectativas, por exemplo.

A observação durante a comunicação é um recurso capaz de direcionar quando o silêncio tem a ver com a pessoa que fala ou quando diz sobre a relação, contribuindo para que se coloque em prática essa capacidade de aceitação e empatia do outro. Durante essa técnica, vê-se que na relação consigo mesmo não há intenção de manter contato, o que se é observado pela postura. Já com relação ao outro, podem existir pequenas manifestações direcionadas, como contatos visuais esporádicos direcionados ao outro, como para verificar as reações provocadas.

Vale ressaltar que o silêncio também pode se manifestar como defesa de quem escuta atentamente, compreendendo que o processo de quem fala possa ter lhe mobilizado algum sentimento ou experiência interna e na qual não conseguiu lidar no momento, sendo lido como um não saber o que dizer ou por se sentir ameaçado diante dessa fala.

Para Schutz e Itaquí (2016), o silêncio falado é compreendido como o primeiro contato que as pessoas têm consigo, pois, com o tempo, a escuta de si se faz presente e deve se manifestar após muitas repetições para assim elaborar e obter uma consciência aberta para o seu autoconhecimento no momento presente, em nível mental, corporal, emocional e relacional. Essa consciência trará autoconhecimento e autoconfiança para, então, poder dar voz ao silêncio e abrir para experiências genuínas com a escuta presente e um desenvolvimento integral.

Nesta perspectiva, ao aproximar a compreensão de silêncio da ACP da Biblioterapia, compreende-se que o silêncio desempenha função semelhante nas práticas. Ele cria um intervalo fértil em que leitores elaboram afetos, (re)organizam sentidos e permitem que o texto reverbere em seu tempo próprio. Assim, a noção terapêutica de silêncio como presença compartilhada se atravessa, de modo pertinente, a experiência estética e relacional da Biblioterapia, onde calar-se também é uma maneira de estar, escutar e criar mundo consigo e com o outro.

3 METODOLOGIA

O estudo apresenta natureza qualitativa de caráter exploratório e interpretativo, buscando compreender as formas de coexistência e manifestações do silêncio em rodas de biblioterapia, analisando o papel da pessoa mediadora nesse processo subjetivo. Para Minayo (2006), a pesquisa qualitativa preocupa-se com a dimensão simbólica e subjetiva da experiência humana, procurando interpretar os significados que os sujeitos atribuem às suas vivências.

Optou-se pelo caminho metodológico da (auto)etnografia performática, enquanto estratégia investigativa que une experiência pessoal, observação participante e reflexão crítica. Essa escolha se justifica pela inclinação do estudo em interpretar a experiência humana a partir dos signos, práticas e afetos que a atravessam. Conforme Ellis, Adams e Bochner (2011), a (auto)etnografia privilegia a escrita de si em diálogo com os outros, promovendo uma compreensão relacional e situada do fenômeno pesquisado.

Nesse trilhar hermenêutico, as vivências colhidas (costuradas) a partir da experiência das autorias proporcionaram a condição investigativa, pois houve um convite para o exercício de conviver, sentir, descrever e aprender, bem como afetar-se. O campo empírico, neste caso, são as observações sobre as práticas de biblioterapia, em especial as representações do silêncio durante as leituras terapêuticas. Nesses encontros, nós mediadores(as) assumimos a função de

observadores/as-cocriadores/as, tomando a experiência pessoal como forma de construção do conhecimento de dentro do fenômeno (Raimondi *et al.*, 2020).

A (auto)etnografia performática, nesse sentido, é compreendida como método de aprofundamento da interação, envolvimento e partilha com os interlocutores da pesquisa, ao mesmo tempo em que possibilita um diálogo transformador.

A relação entre etnografia e performance entende que a cultura está inscrita nos corpos, nos gestos, nas narrativas e nas memórias. Assim, o corpo é tomado como marcador inseparável da estética social, pois fala de um território, de uma etnia, de um gênero, de uma posição política (Raimondi *et al.*, 2020). A performance é um espaço de encenação de identidades e crenças, onde o sujeito se mostra em sua dimensão simbólica e coletiva, que está diretamente relacionado com a prática da biblioterapia.

Nesse sentido, o corpo performa práticas, crenças e identidades na relação com os outros, e é por meio dele que o conhecimento é construído, considerando-se suas dimensões físicas, psicológicas, sociais, culturais e políticas. Trata-se de corpos que carregam histórias ocultas pelos sistemas hegemônicos, mas que podem emergir no encontro entre a(o) autoetnógrafa(o) e os interagentes¹. Esse fluxo performático constitui-se, portanto, como espaço de alteridade: o "outro/a-e-eu" e o "eu-como-o/a-outro/a" (Raimondi *et al.*, 2020).

4 O SILÊNCIO COMO ACONTECIMENTO LITERÁRIO: PERCEPÇÕES DE DESLOCAMENTOS PRÁTICOS

A experiência das autorias deste estudo, apontam que o silêncio não é ausência de linguagem, mas sim, configura-se como presença potente e significativa nas rodas de Biblioterapia. Ele se manifesta em diferentes formas de expressão e pode ser visto como tempo fecundo para a elaboração subjetiva individual. Nesse sentido, quando acolhido sem pressa ou julgamentos, o silêncio se converte em espaço de introspecção e escuta profunda, permitindo que as pessoas participantes ressignifiquem suas experiências e ampliem o vínculo consigo e com o grupo.

O silêncio nas rodas de biblioterapia pode carregar múltiplos significados: lugar de acolhimento, emoção contida, timidez, resistência, medo ou, ainda, a necessidade de um tempo para elaborar respostas ao que foi sentido através da leitura, como bem enfatizamos ao falar dele (silêncio) na ACP. Para quem realiza a mediação dos encontros, é fundamental respeitar o silêncio de quem participa, evitando interpretá-lo, de imediato, como desinteresse ou desatenção ao que foi compartilhado/lido. Ao contrário do que se imagina, o silêncio pode ser um convite à escuta sensível e à criação de um espaço que estimule a expressão, sempre com gentileza e empatia, onde cada pessoa possa falar no seu tempo, livre de qualquer obrigação.

Nos primeiros encontros, é comum o silêncio ser percebido como resistência ou retraimento. No entanto, com paciência e sensibilidade, esse silêncio se transforma em gesto de escuta e abertura ao outro. Uma vez que, a prática biblioterapêutica exige do(a) mediador(a) a escuta atenta desses silêncios; eles são, muitas vezes, "ninhos da escuta", espaços entre as palavras onde se constrói o sentido. Clarice Lispector, em "Dá-me a tua mão", expressa poeticamente essa ideia:

Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a

¹ A escolha por usar **interagente** tem por base Corrêa (2014), que afirma ser um termo mais adequado para definir a pessoa que busca informação de maneira autônoma nos ambientes de informação, propondo uma nova configuração do processo comunicacional no qual existe uma troca, uma ação compartilhada.

respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio (Lispector, 1998, p. 67).

Esta perspectiva nos convida a ver o silêncio como interstício, como respiro que conecta os dizeres e os não ditos. Um silêncio que pulsa entre as falas, que escapa à lógica da produtividade e que abre espaço para a escuta sensível, aquela que permite o outro existir em sua plenitude.

Diante do silêncio das/dos interagentes, o(a) mediador(a) pode adotar algumas estratégias, como revisar trechos significativos da leitura, lançar perguntas que despertem outras formas de instigações, seja por meio de músicas, palavras sugeridas, desenhos, gestos, ou recorrer a recursos lúdicos e terapêuticos, como as cartas terapêuticas, cujo objetivo é estimular a comunicação. Mais do que falar, é preciso que o(a) mediador(a) acolha o silêncio, cultivando um espaço seguro e livre de julgamentos, onde cada pessoa possa se expressar no seu tempo e à sua maneira. E, mesmo que o silêncio persista, é válido deixar perguntas reflexivas no ar, confiando que, em algum momento, elas encontrarão eco interior.

Há quem pergunte “Como identificar essas diferentes manifestações dos silêncios?”, essa identificação não é de uma hora para outra, ela acaba sendo resultado da atenção, sensibilidade e constante prática de mediação de encontros de biblioterapia. Ou seja, uma habilidade adquirida a médio e longo prazo - com algumas exceções, em um tempo mais curto -, nos colocando na contramão do imediatismo, assim como o próprio silêncio - como já foi citado no texto.

É importante destacar que o silêncio não é vivido somente por parte dos(das) interagentes dos encontros de biblioterapia. Esse silêncio também é vivenciado pela pessoa mediadora, uma vez que, ela pode ser pega com uma fala/interpretação/acontecimento que não esperava ou até mesmo praticando o controle da ansiedade em apresentar “respostas” ou sempre fazer comentários. Também pode acontecer de a pessoa mediadora ser a provocadora desse silêncio, conduzindo os participantes da prática à sentirem a leitura não só com os ouvidos, mas utilizando outros sentidos que os levem à respiração e reflexão etc.

Falar sobre o silêncio nos fez rememorar uma obra de Michael Ende, o livro “Momo e o Senhor do Tempo”, o qual apresenta várias personagens interessantes para quem atua com a biblioterapia, como a própria Momo que tem o incrível dom de ouvir. Mas hoje, queremos falar do Beppo, uma personagem que por trabalhar como varredor de ruas acaba sendo conhecido como Beppo Varredor. Se Momo tem o dom de ouvir, Beppo, além de ouvir tem o dom de não responder nada de imediato. Calado e observador, ele não é do tipo que fala muito, mas quando fala, suas palavras são sempre ponderadas e relevantes, pois ao ser indagado sobre algo, entra em um profundo estado de silêncio/reflexão.

A figura de Beppo Varredor nos inspira a compreender que o silêncio, quando vivido de forma atenta e consciente, pode carregar uma profundidade que ultrapassa o imediatismo das palavras. Seu gesto de ponderar antes de falar nos lembra que, em muitos contextos, calar não significa ausência, mas presença plena e significativa. Assim como Beppo, que escolhe o tempo certo de sua fala, os(as) participantes das rodas de biblioterapia encontram no silêncio um espaço legítimo de elaboração e escuta de si.

Por isso, reconhecer o silêncio como linguagem é reafirmar que as experiências humanas não se reduzem ao que é verbalizado, mas também se expressam nas pausas, nas hesitações e nos intervalos. A biblioterapia, ao acolher esse silêncio, confirma-se como prática que amplia os modos de expressão e fortalece o vínculo entre literatura, subjetividade e cuidado coletivo. Dessa forma, o silêncio deixa de ser visto como vazio para tornar-se potência transformadora no encontro entre leitura, escuta e vida.

A discussão evidencia que o silêncio, compreendido como linguagem, rompe com a ideia de que a validação da experiência se dá apenas pela verbalização. Ele abre caminho para manifestações subjetivas não ditas, mas sentidas, e se coloca como parte essencial da dinâmica biblioterapêutica, e tão necessário em um mundo repleto de estímulos e barulhos. Assim,

reconhecer e valorizar o silêncio nas rodas de biblioterapia é não apenas ampliar os recursos expressivos disponíveis aos participantes, mas também reafirmar a biblioterapia como espaço de cuidado, acolhimento e invenção de novos modos de estar junto.

5 ÚLTIMAS PALAVRAS DE UM FINAL ABERTO: CONSIDERAÇÕES EM FLUXO

Ainda que a ideia neste tópico seja encerrar nossas reflexões sobre o tema exposto, aqui, para nós, o coletivo deste texto, as ideias sobre ele continuarão ressoando como quem escuta o silêncio de uma longa conversa. Na travessia da elaboração como um todo, mais do que buscar ponderações, e neste espaço, uma conclusão, a intenção é abrir para escutas. A escuta do silêncio como gesto, como tempo, como linguagem sensível que atravessa os encontros de biblioterapia e os transforma. Mas, acima de tudo, como revelações...

Nisso, a experiência mediadora que fazemos com a biblioterapia tem revelado que o silêncio não é uma ausência a ser preenchida, mas uma presença que sustenta, provoca e desloca. Pelo contrário do que se pensa, ele exige outra escuta, pois tensiona o ritmo da palavra, desautomatiza a resposta e ensina que o tempo do sentir nem sempre coincide com o tempo do dizer.

É nesse desacordo entre tempos, entre escutas, que o silêncio se oferece como cuidado. Cria brechas para que algo nasça, não necessariamente em forma de fala, mas de respiro, de acolhimento e de vínculo. Entre o que se lê e o que se ouve, o silêncio pode desenhar espaços para o cuidado acontecer (máxima da biblioterapia). Ele não pausa os sentidos, pelo contrário, os sustenta como gesto para aqueles que ainda não encontraram palavras, legitimando o tempo interno de cada sujeito. E os mediadores devem (re)conhecê-lo como parte dos processos em curso nas rodas. A literatura lida, ao tocar o íntimo, convoca silêncios densos, intensos e íntimos.

E nesse eco também reside a potência biblioterapêutica, ou seja, não apenas nas palavras que reverberam, mas nas que ainda não puderam ser ditas, reveladas por olhares que se desviam, nas mãos que tremem, na respiração. Gestos entendidos não como ponto final, mas um tempo de pausa, pois o silêncio também é um convite à permanência. E talvez seja esse o gesto, o verbo mais literário da biblioterapia à medida em que abre espaço para que o indizível possa, um dia, ganhar forma ou apenas ser acolhido no que é.

Ao considerar as contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), compreende-se que o silêncio é parte de um encontro autêntico. Um espaço onde o outro pode existir tal como é, sem pressa, sem exigência de resposta, sem necessidade de performar antes de compreender, significar os seus sentidos e tempos internos. Assim, o silêncio não é ruptura da comunicação, mas condição de sua profundidade.

As rodas de biblioterapia têm nos ensinado que há encontros que dispensam palavras para serem inteiros, há histórias que apenas se sentem, atravessam, permanecem. Nesses espaços, o silêncio não marca um fim. Não é ponto final. Ele se insinua como vírgula, como quem pede fôlego antes de seguir e quase sempre se revela reticência, viva, inquieta e em movimento. Campo aberto, pulsante, sentidos por vir. E talvez seja essa a maior contribuição deste estudo: lembrar que o silêncio não é o fim de uma conversa, mas seu prolongamento mais íntimo. Um chão fértil onde novos sentidos continuam a se fazer, mesmo após o término da leitura, mesmo após o término deste texto.

REFERÊNCIAS

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto das ideias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. 2. ed. Florianópolis: ed. da autora, 2024.

CORRÊA, Elisa. Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis/SC, Brasil, v. 19, n. 41, p. 23–40, 2014. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n41p23. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>. Acesso em: 27 set. 2025.

BAJOUR, Cecília. **Cartografia dos encontros**: literatura, silêncio e mediação. São Paulo: Solisluna Editora, 2023.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**: Historische Sozialforschung, v. 36, n. 4, p. 273–290, 2011. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589>. Acesso em: 27 set. 2025.

ENDE, Michael. **Momo e o Senhor do Tempo**. 2. ed. Monica Stahel (tradução). São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LE BRETON, David. **Du silence**. Paris: Métaliés, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

PARDO SALGADO, Carmen. **La escucha oblicua**: una invitación a John Cage. Valencia: Editorial Universitat Politècnica de València, 2001.

POLITO, Reinaldo. O poder do silêncio na comunicação verbal. **Vida Simples**, 2021. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunista/comunicacao-verbal-os-encantos-do-silencio/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

RAIMUNDI, Gustavo Antonio *et al.* A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva: (des)encontros método+lógicos. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 12, e00095320, 2020. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.scielo.org/pdf/csp/2020.v36n12/e00095320/pt>. Acesso em 10 set 2025.

SOUZA, Ricardo Luiz de; FREIRE, Vanessa Soares Freire; SILVA, Yasmim dos Santos. Biblioterapia no Sertão Pernambucano: “na escola, quem lê seus males cura?”. In: SAMPAIO, Débora Adriano; NUNES, Katty Anne de Souza; DANTAS, Esdras Renan Farias. **Narrativas Terapêuticas**: práticas e perspectivas da biblioterapia. Fortaleza, CE: Cultura & Informação; Juazeiro do Norte, CE: Núcleo INFORMES, 2024.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. O silêncio como forma de comunicação. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, São Gotardo, v. 8, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/301/0>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SCHUTZ, Daiana Meregalli; ITAQUI, Luciara Gervasio. O silêncio na psicoterapia à luz da abordagem centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 8, n.1, 2016. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100006. Acesso em: 25 jun 2025.

SOUSA, Carla. **Biblioterapia & mediação afetuosa da literatura**. Florianópolis, SC: Ed. da Autora, 2021.